

REVISTA



Movimento Sociedade Sem Idadismo

N. 01 - Outubro 2024

**MOVIMENTO
SOCIEDADE
SEM
IDADISMO**

Uma mudança necessária



ENTREVISTA

Arquiteta Elenara Stein Leitão

HORA DE MORRER?

Grace Gomes

RELATIVIZANDO

Irene Genecco

TEMPO NATURAL

Coluna de Regina Freitas

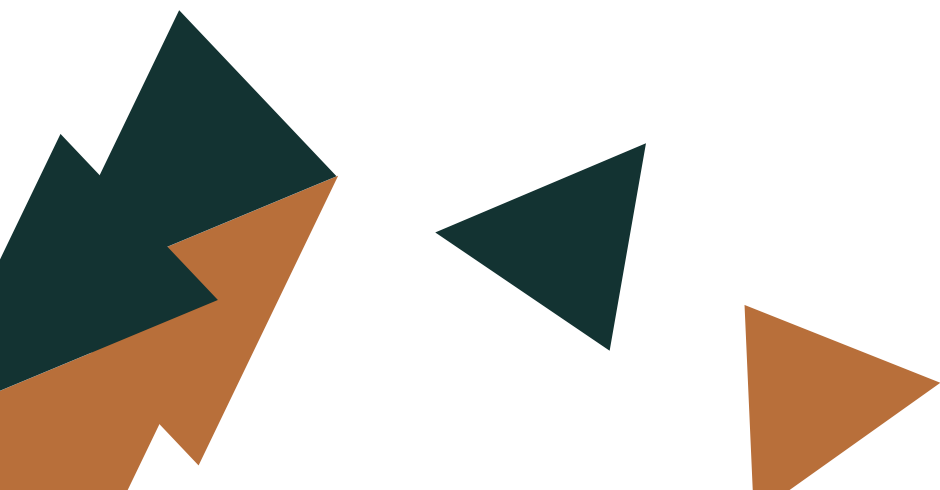
**Filmes e livros
recomendados**

**A VIOLÊNCIA CONTRA
PESSOAS IDOSAS NO BRASIL**



Edição em homenagem ao

Dia Internacional da Pessoa Idosa



REVISTA



Movimento Sociedade Sem Idadismo

N. 01 - Outubro 2024

Lançado em Porto Alegre o Movimento Sociedade Sem Idadismo



Apresentação

Editorial

- 1 Lançamento do Movimento Sociedade Sem Idadismo
- 2 Entrevista com Elenara Stein Leitão
A Arquitetura e o combate ao idadismo
- 3 Tempo Natural
Coluna de Regina Freitas Silveira
- 4 Economia prateada
Da idade ao consumo: rótulos da exclusão!
- 5 Hora de morrer?
Grace Gomes faz importante pergunta
- 6 Relativizando
Irene Genecco
- 7 Década do Envelhecimento Saudável
- 8 A violência contra pessoas idosas no Brasil
- 9 Filmes e vídeos
- 10 Livros

N. 01 - Outubro 2024

Apresentação

Em 2020, a Organização das Nações Unidas – ONU lançou a Década do Envelhecimento Saudável (2021 – 2030) e instou a Organização Mundial da Saúde e seus parceiros (no caso dos países americanos, a Organização Pan-Americana de Saúde – OPAS) a que iniciassem uma campanha mundial de combate ao idadismo.

No âmbito da campanha, foi produzido o Relatório Mundial sobre o Idadismo, contendo detalhado estudo e propostas para o combate ao idadismo.

O relatório apresenta três recomendações de ações que visam ajudar as partes a implementarem a redução do idadismo.

A terceira recomendação é a origem da criação do Movimento Sociedade Sem Idadismo:

“Construir um movimento para mudar o discurso em torno da idade e do envelhecimento.”

Estamos praticamente na metade da década e o que observamos é um quase total desconhecimento sobre os propósitos e ações delineadas.

Inúmeros são os estudos produzidos pela academia; milhares de profissionais da área da saúde, física e mental – gerontologia, geriatria, enfermagem, psicologia, psiquiatria e nutrição se dedicam ao cuidado com o envelhecimento;



profissionais de assistência social e jurídica na proteção dos direitos básicos das pessoas idosas em situação de vulnerabilidade; milhares são as ONGs, associações comunitárias, instituições religiosas e outras que se dedicam ao suporte das pessoas idosas. Sobram “políticas públicas”.

Não obstante todo esse aparato, a questão da pessoa idosa não faz parte da pauta da sociedade. Temos uma cultura excludente e que tem medo do envelhecimento, a gerontofobia. E os níveis de violências contra pessoas idosas é alarmante, segundo mostram pesquisas.

O Brasil caminha a passos largos para ser, muito em breve, uma sociedade de “velhos” e não sabemos envelhecer. Precisamos aprender a envelhecer como sociedade.

Por outro lado, quando falamos em idadismo, também falamos sobre as práticas contra os jovens, sobre a discriminação no

mercado de trabalho e nas oportunidades de crescimento pessoal. Sobre os estereótipos de que “ainda não estão prontos”. E é também para os jovens que o movimento foi criado.

A Revista do MSI nasce com o propósito de ser mais uma forma de divulgação, além das redes sociais, das ações não apenas do movimento, mas de todos quantos estejam conscientes de que é preciso mudar a cultura da nossa sociedade com relação ao envelhecimento e ao idadismo.

Artigos, entrevistas, notícias, eventos e muito mais. Não é, porém, uma revista científica, embora tenhamos membros de todas as áreas movimento.

É uma revista para mudar a cultura. E cultura não se muda de uma hora para outra, mas com muita paciência e, por que não, muita insistência. Para os jovens e para as pessoas idosas.

Boa leitura.

Editorial

Você sabe a diferença entre etarismo e idadismo?

Ambas, etarismo e idadismo, estão associadas a mesma coisa: idade.

No entanto, o que vem à mente quando ouvimos a palavra “etarismo”? Invariavelmente, todos pensam: preconceito contra idosos. A palavra, de uso mais antigo, já está profundamente associada a esse conceito, o que, de certa forma, impede uma visão mais ampla das questões envolvendo a idade e, conseqüentemente, da adoção de ações que efetivamente combatam a discriminação e a violência contra pessoas por causa da idade.

De uso relativamente recente, a palavra idadismo ainda não está totalmente associada somente ao preconceito contra idosos.

A ideia de idadismo está baseada em um tripé de conceitos intimamente ligados: estereótipos, preconceitos e

discriminações.

Estereótipos são os conceitos, as ideias que formamos a respeito de indivíduos ou grupos. Podem ser positivos ou negativos. Quando negativos, levam ao preconceito. Estereótipos são formados já a partir da primeira infância.

Preconceitos, erroneamente entendidos como “pré” + “conceitos”, ou seja, como conceitos formados anteriormente, são os sentimentos derivados dos estereótipos negativos.

Um exemplo: quando pais falam para uma criança, “vamos visitar a vovó, mas cuidado que ela está bem velhinha”, isso gera, na criança, a ideia de que “velhos” são pessoas que precisam de cuidados. Estereótipo negativo.

Que sentimento isso gera? Via de regra, pena. Pena é o preconceito, o sentimento.

Por essa razão é importante estabelecer com clareza essa diferença, pois só conseguiremos mudar a visão das pessoas atacando não o preconceito, mas os estereótipos. A raiz onde tudo começa.

Desenvolvidos os sentimentos negativos (preconceitos) é fácil pular para a etapa seguinte: a discriminação.

Discriminação é a ação realizada, contra indivíduos ou grupo, como consequência dos preconceitos. Agimos porque sentimos. A discriminação pode, ainda, se expressar pela violência.

Pensamentos e ideias que geram sentimentos que nos induzem a agir. Somente entendendo esse caminho será possível lutar contra tudo o que é praticado contra as pessoas em função da idade.

O conceito de idadismo, visto dessa forma, vai além das questões das pessoas idosas: aplica-se a outro grupo que sofre por causa

da idade: os jovens.

Essa é a grande diferença entre etarismo e idadismo: enquanto um já está irremediavelmente associado somente ao preconceito contra idosos, outro vai mais longe ao incluir os jovens e por permitir que sejam realizadas ações na raiz: onde se formam os estereótipos.

Ciclo do Idadismo



1 Lançamento do MSI



No dia 24 de agosto um presidente da República saía “da vida para entrar na História”.

Exatos 70 anos depois, nasce um movimento para fazer História.

Reunidos no Chalé da Praça XV, em Porto Alegre/RS, um grupo de pessoas, movidas pela luta contra o preconceito e a discriminação em razão da idade, lançou o MSI - Movimento Sociedade Sem Idadismo.

O MSI se engaja na “Campanha Mundial Contra o Idadismo”, lançada pela OMS como uma das ações para a “Década do Envelhecimento Saudável”, definida pela ONU para os anos de 2021 a 2030.

Criado por iniciativa de três pessoas – Luiz Afonso Alencastre Escosteguy, Elenara Stein Leitão e Adeli Sell – o MSI pretende ser um movimento nacional de combate ao idadismo.

Luiz Afonso Alencastre Escosteguy

Idadismo.

Não é palavrão. É coisa séria. É um baita preconceito por idade, qualquer idade. Não podemos aceitar que se diga que jovens são todos irresponsáveis, que velho "é assim mesmo". Jovens pensam, agem e fazem do seu jeito. Já olhou para trás para saber como você agia quando jovem?

E você que trata os avós, as pessoas idosas, os velhos com desdém, como descartáveis, já parou para pensar em como você será quando tiver 70 anos?

Com o Movimento Sociedade sem Idadismo estamos fazendo um esforço para construir novas pessoas, respeitadas e livres de preconceitos. Pessoas solidárias, afáveis e verdadeiramente humanas. Estamos buscando um amplo diálogo intergeracional.

Vamos às escolas falar como pessoas idosas com a escuta respeitosa ao jovem, seja acanhado ou rebelde. Vamos abertos para escutar. Sim, escutar. Não apenas ouvir. Escutar significa entrega e empatia. Vamos atacar a soberba com o agir comunicativo. Vamos tentar uma comunicação não violenta. Vamos buscar sempre a mediação e não o conflito, não litigar o tempo todo.

Somos seres humanos em qualquer idade. Logo, não cabe o idadismo entre humanos.

Adeli Sell

1 Lançamento do MSI

Lançada a ponte

No dia 24 de agosto de 2024, lançamos as pontes oficiais de um movimento que reúne muitas vozes: o Movimento Sociedade sem Idadismo.

Surgiu da urgência de derrubar as barreiras invisíveis que separam gerações. Desde cedo, somos educados com estereótipos sobre pessoas, especialmente idosos, que não correspondem à realidade de suas vitalidades. Esses rótulos se transformam em preconceitos sutis que carregamos pela vida.

Durante as enchentes de maio de 2024, em Porto Alegre, Afonso, um dos autores de nosso pequeno livro, percebeu que, embora fosse idoso, nada sabia sobre a realidade dos idosos que perderam tudo. A partir dessa vivência, nasceu o desejo de criar um movimento capaz de desafiar os preconceitos.

Mais que meros consumidores, somos jovens, adultos e idosos unidos por uma causa: construir pontes onde antes havia muros. Foi muito importante dar este passo para reescrever a história do respeito e da inclusão para todas as idades e ver o apoio entusiasmado de várias pessoas apoiando e se unindo ao Movimento.

Elenara Stein Leitão



2 Entrevista: Elenara Stein Leitão

Por MSI



Elenara Stein Leitão é arquiteta e mestre em Engenharia da Produção. É ariana, é bom que se diga.

Autora de textos em coletâneas (“**Metamorfose da Vida I e II**”, “**Enchente – Uma coletânea em prosa e verso**” e “**Perdi Tudo. E agora?**”) sobre os problemas enfrentados pelas pessoas idosas na enchente de maio de 2024 em Porto Alegre e no Rio Grande do Sul.

Nessa entrevista ela relata experiências, sentimentos e como vê o futuro em um país que envelhece rapidamente, mas onde ainda viceja uma cultura de preconceito e discriminação contra pessoas idosas.

O que te fez entrar para o Movimento Sociedade Sem Idadismo?

Foi no momento vivido aqui no Rio Grande do Sul, especialmente em Porto Alegre, com as enchentes de maio de 2024, que sentimos a necessidade de registrar tudo o que vivemos. Especialmente com o que vimos e sentimos sobre os idosos e a enchente.

Gestamos um pequeno livro, onde um dos autores, o Afonso, ao se dar conta que era um idoso que não sabia nada de idosos, sentiu de forma pungente o drama de entrar na realidade de quem tudo perdeu.

Partindo daí se debruçou mais sobre o assunto e teve a ideia de unir essas inquietações em um movimento.

Um grupo de união que movimentasse esse lodo de preconceitos sobre idade que acabam por nos rotular, como se mudássemos em essência por ter X ou Y idade.

Dessa proposta inicial fomos unindo forças, palavras e vontades. Sentimos uma necessidade forte na sociedade de conscientizar que estamos vivendo em novas eras. Que não apenas as mudanças tecnológicas nos assomam, mas especialmente as mudanças de escolhas e vivências que nos fazem alvo de atenção. Somos potenciais alvos de interesses milionários que já baixaram a economia prateada para 45+. Essa foi minha motivação inicial de entrar de forma engajada no MSI.





2 Entrevista: Elenara Stein Leitão

Na tua opinião, quais são os principais estereótipos associados às pessoas idosas?

Fragilidade, vulnerabilidade e fora de utilidade produtiva. Lembro de uma amiga, professora, que trabalhava com grupos de idosos desde o século passado. Ela sempre reclamava dos coordenadores que infantilizavam as práticas usadas com as pessoas idosas. Sendo que muitos deles também eram pessoas mais velhas e não se tratavam como crianças. Muitos locais forçam a aposentadoria de funcionários mais velhos porque estabelecem limites ou, por uma prática perversa, porque estes ganham bem mais. E os trocam por novatos, com menos experiência, que ganham menos. Essa troca sempre existiu nas sociedades, mas havia uma convivência mais esticada, onde os mais experientes podiam ensinar os mais jovens. Hoje me parece que há um foco imediato no lucro e na contenção de despesas, o que acaba prejudicando a eficiência dos serviços.

Já presenciou ou vivenciou situações de idadismo? Pode compartilhar alguma experiência?

Pessoalmente acho que foi quando começaram os comentários tipo: “mas como está bem conservada” Lembro que eu brincava e dizia que dormia em formol. Mas era na verdade uma resposta irônica para uma pergunta eivada de “mas tu não aparenta a idade que tem”. Hoje, jovens de 30 a 40 anos já me relataram o mesmo desconforto quando escutam o “como tu está bem”, que tem o mesmo significado de julgamento de aparência em relação à idade.



Com relação aos projetos de moradias comunitárias, ou condomínios para pessoas idosas, pode-se dizer que isso “é coisa somente para ricos”, ou existem alternativas “populares”?

As propostas de residencial sênior com maiores comodidades alcançam uma classe de poder aquisitivo bem mais privilegiada. Existem alternativas populares que contemplam a população atendida por programas sociais públicos. Mas ainda atingem uma parcela ínfima da população. Trato disso no segundo volume do livro Metamorfose. Há também experiências de pessoas se organizando tanto em cooperativas, como particularmente, para construir condomínios para moradia compartilhada. Embora eu seja bem simpática à ideia de morar com amigos em uma fase de vida mais idosa, ainda acho que o ideal seria uma convivência intergeracional. Em um documentário sobre as zonas azuis (onde vivem comunidades de centenários), há dois exemplos interessantes. Um no Japão, onde pessoas idosas, crianças e jovens desamparados vivem em comunidades e trocam ajuda. E nas Filipinas existe um exemplo de prédios onde pessoas idosas podem morar perto de suas famílias, em andares próximos de verdes e hortas. E em outro andar contam com praças de alimentação e trânsito da população. O governo subsidia para que as famílias morem junto ou perto dos idosos, porque com isso gastam menos em saúde e hospitalizações. Gosto desse modelo de integração e não de isolamento como os que vemos em geral.

2 Entrevista: Elenara Stein Leitão

Como profissional liberal, já sofreste alguma dificuldade com relação ao trabalho por conta do idadismo?

Fiz vestibular e passei para a Arquitetura com 16 anos. Era considerada muito jovem na época. Me formei aos 25 e me recorde de sofrer mais preconceito em obras em função de ser mulher do que propriamente pela idade. A primeira vez que me deparei com um tu está velha para isso, mesmo que veladamente, foi ao fazer o mestrado. Tinha uns 35 anos e me achava no auge da vitalidade física e profissional. E escutar aquele comentário da banca examinadora me fez tremer de indignação. Me lembro que respondi que tinha preferido ganhar experiência no mundo real antes de voltar à academia. Mas nunca esqueci. Como profissional notei apenas uma vez, de um cliente bem mais jovem. Foi delicado, mas senti que achou que eu não o compreendia como um colega mais jovem poderia fazer.

Como a mídia e a publicidade contribuem para a perpetuação do idadismo?

Não sou da área publicitária portanto a minha resposta vem da percepção como consumidora. Ao salientar papéis usualmente vistos como de pessoas idosas e/ou mais jovens nas propagandas. Ao segmentar gerações por décadas e as rotular como sendo alvo deste ou daquele produto. Agora está em voga a chamada economia prateada. Com o aumento da expectativa de vida da população e com um segmento com melhor poder aquisitivo, o mercado publicitário achou novo filão que pode render bastante. Infelizmente os apelos à juventude eterna e ao hedonismo puro acabam prevalecendo nas mensagens. Confesso que não tenho prestado atenção às propagandas de tv e internet para tecer comentários sobre se estão se esforçando para mudar velhos chavões sobre as pessoas de idade.

Quais políticas públicas poderiam ser implementadas para combater o idadismo?

Há um projeto em tramitação no congresso para dar incentivos para a contratação de pessoas acima de 60 anos que acabam sendo discriminadas no mercado. Sabendo da desigualdade social que ainda viceja no país, é importante que se incentive o trabalho dessa forma. Como já foi feito com os mais jovens. E fiscalizar para que as leis sejam cumpridas é também papel do poder público.



Como podemos educar as gerações mais jovens sobre o respeito e a valorização dos idosos?

Convivendo com os mais velhos. Favorecendo encontros em que se fale, se troque, se aprenda sobre o passado. Mostrar para as crianças que os avós também foram crianças um dia. A convivência é a melhor maneira de aproximação. De preferência que seja ao vivo. Promover um dia sem tecnologia, onde os mais velhos possam ensinar brincadeiras ou contar histórias. Promover um dia do ensino das tecnologias, onde os mais novos ensinem o que sabem do mundo virtual para os mais velhos. Essa troca de saberes mostra que só temos a ganhar com essa vivência compartilhada. Outra maneira é valorizar o trabalho das pessoas idosas. Promover encontros escolares onde elas possam ensinar o que sabem fazer, falar de suas experiências de vida.

2 Entrevista: Elenara Stein Leitão

Quais são os benefícios de uma sociedade que valoriza e inclui as pessoas idosas?

Uma expectativa de vida mais longa. E não apenas mais longa, como mais saudável. Entender que a morte existe, que vamos todos envelhecer, pelo menos os que não morrerem cedo, é um meio de mostrar que a vida é preciosa e deve ser bem vivida. Generosamente vivida. Por mais que se corra, se ganhe dinheiro, se conquiste objetivos, um dia isso tudo fica aqui. E a gente vai. E o que sobra são as lembranças e os exemplos que deixamos. Uma sociedade que entende o real propósito da vida, e veja que não estou falando de crenças, mas de viver a vida em plenitude para poder ser generoso em compartilhar e aprender em conjunto.

Que ações individuais podemos tomar para combater o idadismo em nosso dia a dia?

Falar sobre. Assim como a gente se conscientiza de vários outros tipos de preconceitos e vai mudando hábitos e falares, com o idadismo é o mesmo. Nada muda se não dermos um jeito de movimentar. Às vezes um sorriso na rua pode mudar o dia de alguém. E não é pouco. Não infantilizar pessoas idosas. Não menosprezar saberes e vontades jovens e infantis. Falar e escutar. E ganhar uns com os outros. A isso chamo construir pontes.

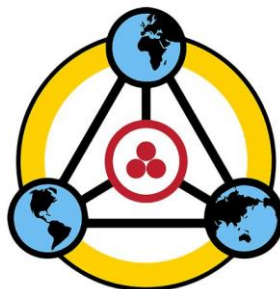




Tempo Natural

Coluna de Regina Freitas
Alquimista da Palavra

reginaalquimistadapalavra@gmail.com
Whats (51) 999046542



POR QUE O TEMPO NOS CONSOME?

Desde que o homem começou a se afastar da natureza, começou a esquecer-se de quem ele era, qual seu lugar e também que ele FAZ PARTE de um TODO maior.

Além disso, assumimos o uso do calendário gregoriano, instituído pelo Papa Gregório em 1582 para corrigir distorções do Calendário Juliano, há muito apontadas por astrólogos e matemáticos da época sobre a não adequação deste calendário ao Tempo Natural (Solstícios, Equinócios e estações).

Com os conhecimentos dos cientistas da época (Os Alquimistas), na sua maioria ligados ao Clero, criaram uma fórmula e fizeram o novo calendário matematicamente ajustável ao natural, considerando que a Terra leva 365,2425 dias para dar a volta completa em torno do Sol. Foi necessário criar ano bissexto e outros artifícios para tentar deixá-lo o mais próximo aos movimentos dos astros. So a título de curiosidade, para essa troca “consumiram” com 10 dias - período conhecido como os 10 dias que não existiram - onde foi decretado que o dia seguinte ao 04 de outubro de 1582 (quinta-feira), não seria o dia 5, e sim dia 15.

Precisamos lembrar, também, que a função do calendário era marcar o Tempo para a cobrança dos impostos (controle). Com isso passamos a acreditar que “Tempo é Dinheiro” e corremos atrás dele buscando ser cada vez mais “eficientes”! Transformamo-nos em máquinas que precisam produzir incessantemente. Todo nosso tempo deve ser ocupado e produtivo e por isso sentimo-nos desgastados e consumidos. Adoecemos nossas MENTES e, como consequência, nosso corpo físico e emocional. Começamos a buscar do lado de fora, algo que preenchesse esse vazio existencial e passamos a ter uma sociedade com consumo desordenado e falta de amor ao próximo, entre outras mazelas.

Buscar uma nova forma de nos relacionarmos com o Tempo é necessário para nossa reconexão com VIDA NATURAL e resgate de nossa Essência. A boa notícia é que já existe um movimento mundial com muitas pessoas estudando e agindo no propósito de substituir o obsoleto calendário, pelo SINCRONÁRIO (que nos Sincroniza), como fizeram os Alquimistas lá atrás. Com a calma e o fluir da MÃE NATUREZA, resgataremos a Paz de nossos Espíritos e poderemos viver o TEMPO em harmonia com o TODO.

Se observarmos os ciclos da natureza, a inteligência dos animais e a beleza de uma flor, entenderemos que TEMPO É ARTE e MAGIA! Se voltarmos a entender que cada pedra, cada planta é produzida por uma ALQUIMIA que nós, humanos, ainda não conseguimos reproduzir, diminuiremos nosso Ego! Se virmos as belezas de cada amanhecer e pôr do sol, entraremos em SINCRONIA com o grande COSMOS e acreditaremos na PERFEIÇÃO do nosso SER !

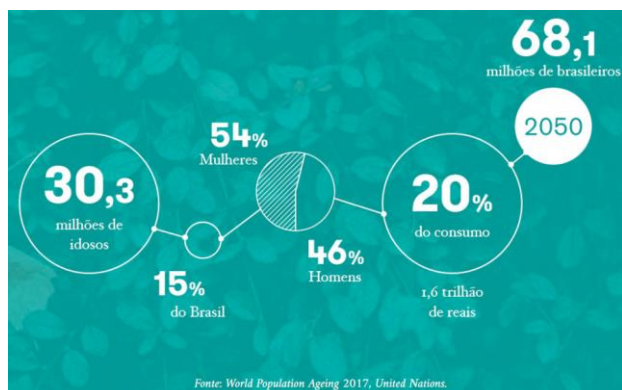
Como Facilitadora da Lei do Tempo Natural, desejo divulgar os saberes do Sincronário da Paz, através desta coluna, para fazermos as pazes com o TEMPO para vivermos nossa PLENITUDE e HARMONIA, sem desgastes desnecessários!

In Lack'Ech (Eu sou outro você)

Economia Prateada

Da idade ao consumo: rótulos da exclusão!

Luiz Afonso Alencastre Escosteguy



Douraram a pílula. Um nome bonito para algo antigo: transformar as pessoas em meras consumidoras. Economia prateada.

O nome já é discriminatório, pois define um grupo de pessoas por uma única característica: a cor dos cabelos, como se todas as pessoas idosas tivessem cabelos "grisalhos". Até há pouco, esse grupo era definido também por um fator excludente: a idade. Bateu nos 60? É idoso!

E por que idoso e economia prateada são excludentes e discriminatórios? Porque ao rotular as pessoas por apenas uma característica exclui tudo o mais que seres humanos são.

Não por outra razão não se usa mais (ou não deveríamos mais usar) a palavra idoso. Nossa legislação já mudou desde 2022. Não temos mais um "Estatuto do Idoso", mas um "Estatuto da Pessoa Idosa". O foco é "pessoa" e não "idosa"

A "economia prateada" transforma as pessoas idosas em meras consumidoras, em um público "ávido" por comprar cremes para manter a pele jovem, em viajar, em comprar roupas de grife, etc. E tem mais, não falam mais em "60+". Agora atacam os "45+", os "50+".

Segundo o [SEBRAE](#), a partir de dados da FGV, esse é um mercado avaliado em R\$ 2 trilhões. Pessoas com mais de 65 anos representam 17% da faixa dos 5% mais ricos do Brasil.

Só tem um problema: e os demais? Não importa. OK, vivemos no capitalismo e esse é o negócio deles. Tem público? Tem. A imagem ao lado fala em 54 milhões de brasileiros. Muito mais que os 17% dos 5% mais ricos. Ou seja, almejam outras classes.

Se antes éramos classificados pela idade, agora somos apenas consumidores. Com cabelos prateados.

A questão não se resume a ser contra ou a favor da economia "prateada". É parte do sistema. A questão é que empresas (e mídia que delas recebe) solenemente ignoram tudo o mais que faz das pessoas idosas, pessoas com dignidade. E dignidade é mais que idade ou consumo.

Apesar de ser um "nicho", mercadologicamente falando, isso em nada ajuda na conscientização da sociedade contra o idadismo, além de tratar a questão do envelhecimento como algo a ser "evitado" ou, no máximo, "melhorado".

Uma moda que não veio para contribuir com a sociedade, apenas com o lucro.



5 Hora de Morrer?!?

Grace Gomes

Eis que tenho encontrado a senhora Morte com alguma frequência ultimamente. Ela tem visitado amigos próximos, familiares deles, conhecidos distantes e até figuras ilustres que eu admirava, jovens demais para morrer ou velhos que, a princípio, já viveram o suficiente. Muito embora, não haja muita lógica em suas visitas, sequestros ou condução coercitiva... Quando decide levar as pessoas ela leva, sem dó nem piedade.

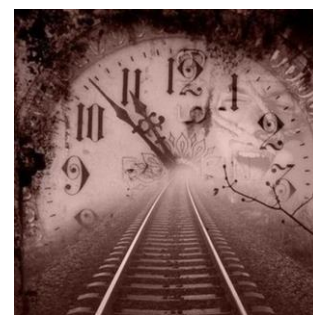
Há certos períodos de vida em que o acaso nos leva a encontrar pessoas na mesma condição que estamos vivenciando. Quando eu estava grávida observava muitas outras mulheres grávidas, parece que havia um imã me levando a encontrá-las com maior frequência do que se encontram grávidas em nosso caminho. Agora no envelhecimento tenho participado de cerimônias fúnebres muito mais frequentemente do que desejaria, meus pares estão se indo, nesta faixa etária muito mais por doenças graves do que pelo processo de envelhecimento.

Por falar em gravidez, vamos significar o oposto de morte, que muitos acreditam ser vida, mas o inverso de morte é nascimento, no intervalo entre nascimento e morte encontramos a vida, que poderá ser longa ou curta, breve ou intensa, mas sempre será a vida. Por isto que todos nós pedimos para não morrer em vida, ou seja, que nossa vida seja vivida de forma vívida, nesta passagem de tempo em contraposição entre o nascimento e a morte..

muito mais por doenças graves do que E quando estamos com mais idade, nos apropriamos do morrer de forma saudável, observando e acompanhando os que foram levados por ela, nos levando a uma reflexão bem mais profunda: “Como será minha morte?” “Será com sofrimento, ou uma morte abençoada quando estiver dormindo?” “Estarei pronta para esse momento?” Diante de tudo que aprendi e vivi, seria um desperdício não deixar um legado de meu conhecimento e experiências registrado em algum lugar.

Mas a morte não leva só pessoas, animais e vegetais, ela leva ao longo de nossa vida sonhos, projetos, relacionamentos status e outras idades. Desde o nascimento

estamos perdendo; inicialmente o aconchego do útero materno, depois o ser atendido nas necessidades básicas, (carinho, alimento, aconchego e higiene), na infância perdemos a condição de ser tratados como únicos que somos ao interagir com demais crianças e suas singularidades, na juventude sofremos a perda do corpo infantil e modificações na voz, o que nos leva ao sentimento de luto e perda do que estávamos acostumados a viver até então



5 Hora de Morrer?!?

com a perda da última identidade que nos definia, e essa por ser uma das últimas perdas, ou pequenas mortes, com um corpo já não tão saudável, se agiganta, tornando-se um peso muito mais grandioso que qualquer outra etapa do desenvolvimento humano, por isto um luto mais significativo.

Mas voltemos à senhora morte implacável e impiedosa como ela só, que apesar de toda a tecnologia e avanços científicos somente ela sabe a hora que irá nos levar, assim como no Filme Blade Runner, em que os replicantes estão programados para viver um determinado período e que apesar de suas estratégias por viverem mais tempos e driblar os caçadores de andróides, ela virá de forma inexorável cumprir seu mandato.

Hoje podemos cogitar uma morte assistida ou ortotanásia não realizando procedimentos para prolongar a vida, atitude considerada nos cuidados paliativos, onde a escolha do paciente e familiar é soberana. Já a eutanásia (antecipar a morte) permitida em alguns países como a Bélgica, Canadá, Holanda e Suíça é uma situação mais radical, onde a pessoa sabendo de uma doença incurável opta por abreviar sua vida, o que por preceitos religiosos e leis na maioria de países é proibida.

Por isto o título da crônica: “Hora de Morrer?!?” Quando o replicante Roy, interpretado magistralmente por Rutger Hauer, segurando uma pomba branca em suas mãos declara que suas lágrimas se perderão na chuva, assim como todos os momentos vividos... E finalmente decide: “Hora de Morrer!”

Fica aqui a provocação psicológica:

qual emoção a morte te suscita?



5 Hora de Morrer?!?



Grace Gomes

Mãe, avó, ex-bancária, aposentada na enfermagem, atualmente trabalha como psicóloga clínica, facilitadora de grupos e de Biodança.

Graduada pela PUCRS, e Licenciada pela IBF (International Biodanza Federation), especializando-se em Envelhecimento Humano e Gerontologia pela EMH Escola Mineira de Humanidades, atualmente.

Presidente Emérita da APORTARS Associação de Portadores Transtorno de Ansiedade, experiência com idosos em Lares de Longa Permanência no Lar da Amizade Abrigo para Cegos e Idosos, na unidade Moisés Groissman junto ao Hospital Psiquiátrico São Pedro, Psicóloga Comunitária e supervisora de estágio no IAPI Instituto de Assistência e Proteção à Infância.

Atualmente exercendo atividade voluntária junto à rede Calábria, como facilitadora de Biodança, além do consultório particular com enfoque na Abordagem Centrada na Pessoa no acompanhamento individual de adultos, envelhecetes e casais.

Co-autora nos livros: *Metamorfose da Vida e Perdi Tudo e Agora?*

CRP 07/15702

IBF 1462

Facebook: consultório Psicoterapeuta Humanista Grace Gomes

Instagram: psicologia.humanismo Grace Gomes

WhatsApp (51)98407-8679

6 Relativizando

Irene Genecco

Quando falo em século passado logo me lembra 1900, 1800. Falar em milênio passado, então, quase me retorna às cavernas. O Antes de Cristo ou os primeiros séculos Depois de Cristo não me visitam com muita frequência a memória. Priorizo eras mais próximas, 1200, 1500. Mas a era frequente e tenra mesmo, cheirando a ontem, é 2000, quando de repente, inadvertidamente, entramos no terceiro milênio! A verdade nua e crua é que viramos o calendário de milênio e de século apenas há 21 anos, o que ainda não foi completamente deglutido pelas gerações mais velhas. Toda esta faixa etária entre 20 e 30 anos são jovens nascidos no século passado e no milênio passado! Perguntam-se, certamente, como posso ter nascido no milênio passado e ter apenas vinte e poucos anos? Estas considerações ajudam a desnudar a bizarrice da dimensão temporal, e seus conceitos e preconceitos, a favor ou contra o peso do tempo.

Genial mesmo foi Einstein, ao constatar a relatividade do tempo entre espaço, movimento e velocidade, derrubando o reinado do tempo em si, reduzindo-o a relativo. Revelar que quanto mais veloz um corpo se desloca menos sofre a passagem do tempo foi extremamente revolucionário e fantástico com consequências drásticas no comportamento. O clima de fluidez contemporâneo, tendendo à impermanência de valores estáveis, demonstra bem o efeito do advento da relatividade no pensamento, refletido no comportamento.

Um mundo líquido reflete melhor esta fluidez do que um mundo sólido. Nossa pressa é insana, estamos sempre querendo vencer o tempo, sendo cada vez mais velozes. Vamos sempre acumulando afazeres e mais afazeres, na esperança de nos eternizarmos.

Liquefazemos nossos dias no mundo virtual e nossa vida evapora com rapidez desmesurada.

Importante, porém, é perceber que existe um absoluto sustentando um relativo, sempre.

Relativizar não é condenar algo ao limbo do

indeterminado. A idade, por exemplo, não é algo absoluto, mas relativo ao vivido por alguém. Decretar que se é jovem ou velho nesta ou naquela idade é absolutizar o relativo. Isto engessa o espírito e embota a singularidade de cada um, e leva ao vazio existencial. A consciência de ser é o alicerce de onde tudo deriva. Este preâmbulo é importante para tecer algumas considerações sobre o etarismo, ontem e hoje, trazendo à tona a mulher de 30 de Balzac, para início de conversa.



**VALOR
RELATIVO
E
VALOR
ABSOLUTO**

6 Relativizando

Irene Genecco

Trintona, quarentona... Por que não a expressão *vintona*? Nunca se ouviu, quero crer. Talvez porque o percurso dos 20 anos se constitua na idade áurea, principalmente da mulher. Isto deixa muito claro o preconceito quanto ao limite de idade em que se permite à mulher ser linda e poderosa. Já nem falo em sessentona ou setentona, pois esse transcurso de vida demanda muito peito – e não é de silicone – para transmutar em vitória os inúmeros desafios – idade, gênero, grupo, etnia, clã, tribo, linhagem, família, estirpe, ramo, sangue.

Houve um tempo em que se falava em mulher de 30.

Literariamente, na argúcia e sensibilidade de seu olhar, Honoré de Balzac exalta a maturidade, inteligência e independência da mulher, somadas à beleza feminina, no pleno vigor de seus 30 anos.

Porém, essa visão do autor ia contra o modo de ver da época, que tinha como padrão de jovem e linda apenas a mulher no decurso de seus 20 anos, ignorando também suas qualidades intelectuais ou de consciência de si mesma, em autoconsideração e liberdade própria.

Qualquer semelhança ainda hoje não será mero engano. Não se percebe que esse modo de ver tenha mudado radicalmente na sociedade. Infelizmente, nos 180 anos transcorridos da obra de Balzac, a questão de idade guarda ainda seus preconceitos, como peças de valor. No mundo real, a quem viveu ou vive esta idade, mulher de 30 teve e ainda tem um caráter pejorativo e nada honorável.

Vê-se, no presente, mulheres que se apavoram ao chegarem aos 30 anos, sem terem suas vidas direcionadas ainda. É aí que se manifestam também os primeiros sinais de decadência do viço físico. Envelhecer torna-se sinônimo de decrepitude, e todos seus sinônimos lembram falência. Sabedoria e maturidade não despertam cobiça em ninguém. Onde a sabedoria alimentaria o viço do imediatismo ou da competição? Sem competição, como alimentar o consumismo? Sem consumismo, e sem competição o mito da beleza, centrado na primazia das aparências, morre. Paro por aqui...

A expressão balzaquiana, contrariando o intuito de Balzac, sempre passou um gosto azedo de rejeição às trintonas, e depois às quarentonas, afogadas implacavelmente no poço da cultura etarista e misógina, fora outros tantos preconceitos.



6 Relativizando

Irene Genecco

Na década de 90, encarou-se já com certa tranquilidade os 30 anos, porém já nem tanto os 40. Terá sido isso positivo? Teremos conquistado mais 10 anos de valia, neste século? Ascendemos a uma mentalidade de maior maturidade? Nem tanto. O etarismo não cedeu, apenas se estendeu, dado ao avanço da tecnologia em estética, entre muitas outras áreas. O predomínio da aparência ainda reina.

A consciência de si mesmo no senso de uma beleza efêmera, propagada e travestida de felicidade, afeta e consome a dignidade humana, tanto em homens quanto em mulheres, mas mais cruelmente na mulher. Ela nos distancia de um conhecimento mais aprofundado de nós mesmos e nos banaliza. O problema não são os procedimentos em estética, a moda, o cuidado em vestir-se, o sentir-se bem. É a tirania do manter-se sempre jovem e belo limitado ao físico, imposto como único, ou o maior valor para alcançar a felicidade.



Nossa demanda, física e mental, é de baixa qualidade. Competição, fama e sucesso são nossos alvos, independentemente de quem ou do que estamos utilizando como escada. Transformamo-nos em máquinas. Somos supridos, programados e acionados de fora, por uma inteligência artificial, nunca pelo ímpeto de uma real necessidade. Não se trata de rejeição gratuita à tecnologia, bem-vinda e necessária à medida que evoluímos. Trata-se do que fazemos disso, amortecidos ou hipnotizados por um maravilhamento *imediato*, ou seja, sem a *mediação* do nosso senso de escolha. Vendemo-nos, a troca de um fútil prazer, e nunca nos perdoamos por isso. Ainda bem, porque essa intuição que nos condena traz um pouco de equilíbrio, embora aumente o peso das culpas.

6 Relativizando

Irene Genecco

Temos sede de substância, mas nos perdemos no vazio existencial do relativo e fugaz. Limitados ao endeusamento do corpo físico, ao patamar salarial, à zona onde residimos, ou ainda em que tipo de atividade profissional nos enquadrados, deparamo-nos diante de um angustiante desconforto interior. A falta de sentido que vamos moldando no nosso viver adulto nos trava. Mas afinal, no transcurso de nossa adultez, não deveria acontecer nossa grande conquista de liberdade, sabedoria, amor-próprio e discernimento de valores? É o momento de nos derrarmos no mundo e conquistar nosso espaço, e não nos aprisionarmos numa cela de hierarquias, preconceitos e alienação em massa.

O que tem isso tudo a ver com a relatividade de Einstein? Suponho que nada, pois estamos na instância da vontade e das escolhas pessoais, não na exatidão e imparcialidade da Matemática e da Física. Entendamos que no sítio do relativo existe o conveniente, e nele grassa a relatividade dos interesses imediatos de um poder alheio à equidade.

Século passado. Milênio passado. Teremos superado tal impasse, de lá para cá?? Talvez, mesmo que truncados entre relativo e absoluto. Quanto ao espírito da obra clássica A Mulher de Trinta, confiemos que, quase dois séculos transcorridos pela humanidade até então, homens e mulheres possam se somar ao transcendente espírito de Balzac, destarte sem sufixos preconceituosos e aviltantes do direito de viver honoravelmente.



Irene Genecco é gaúcha nascida em Butiá, na chamada região das minas de carvão. Perdeu os pais ainda criança - a mãe quando tinha apenas dois anos e o pai aos cinco, tendo sido adotada por uma família que seu próprio pai providenciou, poucos meses antes de morrer.

É formada em Pedagogia pela Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Estudiosa, diz que “nunca parou de estudar e aprender, seja em conhecimentos acadêmicos, seja no autodidatismo”.

O texto publicado aqui é parte do Livro “Um Olhar para Além do Cotidiano – Contos Urbanos e Outros Que Tais”, que é um convite a olhar simultaneamente para fora e para dentro de si mesmo, no concreto e no abstrato do dia-a-dia.

irene.genecco@hotmail.com

Instagram

Facebook

O livro pode ser adquirido na Amazon ([link](#)) ou na Editora Appris ([link](#))



Em 2020 a Organização das Nações Unidas – ONU instituiu a Década do Envelhecimento Saudável (leia aqui) solicitando, à OMS – Organização Mundial da saúde “*que iniciasse, junto a seus parceiros, uma campanha mundial de combate ao idadismo*”.

“Sendo assim, a OMS, o Alto Comissariado de Direitos Humanos, o Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais das Nações Unidas e o Fundo de População das Nações Unidas elaboraram o Relatório mundial sobre o idadismo para a campanha.

“Esse relatório se destina aos responsáveis pela elaboração de políticas, profissionais liberais, pesquisadores, organizações para o desenvolvimento, e membros do setor privado e da sociedade civil. Após definir a natureza do idadismo, o presente relatório resume as melhores evidências sobre a disseminação, os impactos e os fatores determinantes do idadismo, bem como as estratégias mais eficazes para reduzi-lo. A conclusão inclui três recomendações para ação, com base científica, visando a criar um mundo para todas as idades.

O combate ao idadismo – ou seja, a mudança da forma como pensamos, sentimos e agimos em relação à idade e ao envelhecimento, em relação à nós mesmos e aos outros – é uma das quatro áreas de ação priorizadas pela Década do Envelhecimento Saudável. O combate ao idadismo é essencial também para conseguirmos avançar nas outras três áreas de ação: o desenvolvimento de comunidades de maneira a fomentar as capacidades das pessoas idosas, a prestação de atenção integrada e de serviços de atenção primária à saúde que atendam prontamente as necessidades das pessoas idosas e a concessão de atenção de longa duração às pessoas que necessitarem”.

O relatório apresenta estratégias para reduzir o idadismo, bem como recomendações de ações:

TRÊS ESTRATÉGIAS PARA REDUZIR O IDADISMO

Ficou demonstrado que há três estratégias que funcionam para reduzir o idadismo: políticas e leis, atividades educativas e intervenções de contato intergeracional.

•Estratégia 1: Políticas e leis. Políticas e leis podem ser usadas para reduzir o idadismo em relação a qualquer faixa etária. Podem incluir, por exemplo, políticas e legislação que abordem a discriminação e a desigualdade por idade, bem como leis de direitos humanos. O fortalecimento das políticas e leis que visam ao idadismo pode ser conseguido por meio da adoção de novos instrumentos nos níveis local, nacional ou internacional e da modificação dos

instrumentos existentes que permitem a discriminação por idade. Essa estratégia requer mecanismos de imposição e órgãos de monitoramento nos níveis nacional e internacional para assegurar a implementação efetiva das políticas e leis que abordem a discriminação, a desigualdade e os direitos humanos.

•Estratégia 2: Intervenções educacionais.

As intervenções educacionais para reduzir o idadismo devem ser incluídas em todos os níveis e tipos de formação, do primário à universidade, e em contextos educacionais formais e informais. As atividades educacionais ajudam a melhorar a empatia, dissipar conceitos errôneos sobre diferentes faixas etárias e reduzir o preconceito e a discriminação ao fornecerem informações corretas e exemplos que combatam os estereótipos.





•**Estratégia 3: Intervenções de contato intergeracional.** Deve-se também investir em intervenções de contato intergeracional que visem a fomentar a interação entre pessoas de diferentes gerações. Tal contato pode reduzir o preconceito entre grupos e os estereótipos. As intervenções de contato intergeracional estão entre as mais eficazes para reduzir o preconceito contra as pessoas idosas, e também se mostram promissoras na redução do preconceito contra os jovens.



As três recomendações de ação:

TRÊS RECOMENDAÇÕES DE AÇÃO

Essas recomendações visam a ajudar as partes interessadas na redução do idadismo. Implementar essas recomendações requer compromisso político, participação de diferentes setores e atores, e adaptações específicas para os diferentes contextos. Quando possível, devem ser implementadas conjuntamente para maximizar o seu impacto no idadismo.

•**Recomendação 1: Investir em estratégias com base científica para prevenir e combater o idadismo.** Deve ser dada prioridade às três estratégias sustentadas pelas melhores evidências científicas: aprovação de políticas, adoção de leis e implementação de intervenções educacionais e de contato intergeracional. Para que haja impacto no nível das populações, essas estratégias precisam ser ampliadas. Onde tais intervenções não tenham sido anteriormente implementadas, é preciso adaptá-las e testá-las e, em seguida, expandir sua implementação assim que seu funcionamento tenha evidência demonstrada no novo contexto.

•**Recomendação 2: Melhorar os dados e as pesquisas para compreender**

melhor o idadismo e como reduzi-lo. Melhorar nossa compreensão de todos os aspectos do idadismo – a escala, os impactos e os fatores determinantes – é um pré-requisito para reduzir o idadismo que atinge tanto os jovens como as pessoas idosas. Deve-se coletar dados dos países, principalmente os de renda baixa e média, usando escalas validadas e confiáveis de mensuração do idadismo. Mas a principal prioridade deve ser a elaboração de estratégias para reduzi-lo. A base de evidências para determinar a eficácia das estratégias está em crescimento, mas ainda está muito aquém do que se necessita. As estratégias existentes devem ser otimizadas, seus custos e a relação custo-benefício precisa ser calculada, e apenas então devem ser

disseminadas. Estratégias promissoras, como campanhas para reduzir o idadismo, precisam ser aprimoradas e avaliadas.

•**Recomendação 3: Construir um movimento para mudar o discurso em torno da idade e do envelhecimento.** Todos nós temos um papel a desempenhar no desafio e na eliminação do idadismo. Governos, organizações da sociedade civil, agências da ONU, organizações para o desenvolvimento, instituições acadêmicas e de pesquisa, empresas e pessoas de todas as idades podem se juntar ao movimento para reduzir o idadismo. Se unindo uns aos outros como uma ampla coalizão, podemos melhorar a colaboração e a comunicação entre as diferentes partes interessadas envolvidas no combate ao idadismo.

Acesse aqui o relatório completo (pdf): [Relatório Mundial sobre o Idadismo](#)



8 A violência contra pessoas idosas no Brasil

Luiz Afonso Alencastre Escosteguy



Recente pesquisa, publicada na *Revista Caribeña de Ciências Sociales*, “Denúncias de violência ao idoso no período de 2020 a 2023 na perspectiva da bioética”, de autoria de um grupo de pesquisadores da Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa, da Universidade Federal Fluminense (UFF) e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) ([texto completo](#)), aponta, a partir de dados coletados no banco de dados do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, que foram registradas 408.395 denúncias de violências contra pessoas idosas no Brasil.

A violência contra pessoas idosas pode se manifestar, conforme os autores, “de várias maneiras, incluindo a física, a sexual (predominantemente direcionada a mulheres idosas), a psicológica (envolvendo xingamentos e ofensas), o abandono (negligência das suas necessidades e privação de cuidados), a institucional, a estrutural (que deveria ser abordada pelo estado), e a financeira/patrimonial, na qual a dignidade humana é desrespeitada em diversos contextos legais”. Em artigo publicado no portal da UFF, Alessandra Conceição Leite Funchal Camacho, uma das autoras, analisa a pesquisa: [leia aqui](#).

Os dados, em si, são alarmantes e desnudam uma situação que não levamos a sério, tanto na mídia quanto em termos de políticas públicas (embora existam): 76,09% das violências são praticadas por pessoas da família. Mais, dessas, 56,29% (2023, representando um crescimento em relação a 2020) são praticadas pelos filhos ou filhas, conforme tabela reproduzida do texto:

Tabela 7 – Relação suspeito e idoso vítima de violência, Brasil, 2020-2023.

Relação Suspeito X Vítima	2020		2021		2022		2023	
	FA (n)	FR (%)	FA (n)	FR (%)	FA (n)	FR (%)	FA (n)	FR (%)
Filho(a)	42.204	47,78%	37.975	47,07%	48.134	50,25%	80.826	56,29%
Familiar	9.699	10,98%	21.476	26,62%	16.827	17,57%	23.127	16,11%
Marido/Esposa	2.954	3,34%	4.939	6,12%	5.014	5,23%	5.298	3,69%
Prestador de serviço	474	0,54%	1.318	1,63%	2.075	2,17%	2.072	1,44%
Cuidador(a)	1.251	1,42%	1.126	1,40%	1.532	1,60%	1.580	1,10%
Enteado(a)	466	0,53%	421	0,52%	515	0,54%	739	0,51%
Ex-marido(esposa)/ Ex-companheiro(a)	962	1,09%	1.088	1,35%	1.222	1,28%	1.445	1,01%
Desconhecido	731	0,83%	820	1,02%	1.705	1,78%	1.227	0,85%
Vizinho(a)	5.851	6,62%	5.703	7,07%	6.236	6,51%	8.262	5,75%
Outros	16.632	18,83%	4.853	6,02%	6.653	6,94%	7.734	5,39%
N/D	7.105	8,04%	956	1,19%	5.883	6,14%	11.285	7,86%
TOTAL	88.329	100,00%	80.675	100,00%	95.796	100,00%	143.595	100,00%

Fonte: Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania

O estudo apresenta diversos recortes de análise: por região, faixa etária, sexo, raça/cor, grau de instrução, faixa de renda e cenário (local) e conclui:

“A implementação de estratégias para mitigar os danos sofridos por pessoas idosas vítimas de violência deve envolver uma análise que apoie suas famílias, promovendo iniciativas sociais que facilitem o acesso às políticas públicas em diversas esferas. Tanto a sociedade quanto o governo têm a responsabilidade de criar condições para identificar agressores e vítimas, priorizando o fornecimento de assistência ao idoso que foi vítima de violência. Além disso, é oportuno considerar a criação de instituições capazes de acolher idosos que foram alvo de agressão.”

9 Filmes e vídeos

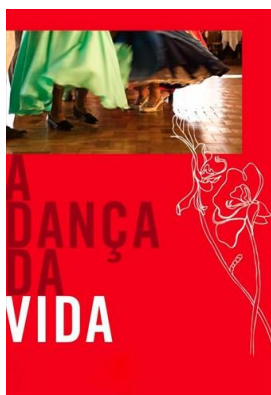
A coluna “Filmes e vídeos” apresenta as sugestões dos membros do MSI, sempre conectados com as temáticas do idadismo, do envelhecimento saudável ou que, de alguma forma, contribuam para a necessária mudança de cultura na nossa sociedade. Serão acompanhados de breve resenha e o link para acesso.



Annie, Jean, Claude, Albert e Jeanne estão ligados por uma forte amizade que já dura mais de 40 anos. Assim, quando a memória falha, a velhice mostra sua força e o fantasma da casa de repouso vem assombrá-los, eles decidem viver juntos. O projeto parece loucura, mas a convivência traz velhas lembranças, novas perspectivas e um novo desafio: viver em república com mais de 75 anos!

Estrelando: Guy Bedos Daniel Bruhl Geraldine Chaplin Jane Fonda

Disponível no Prime Vídeo ([link](#))



As percepções de diversos grupos de idosos sobre sua sexualidade, seus hábitos e os lugares que frequentam, além das reflexões e questionamentos que surgem nesta fase da vida.

Estrelando: Amauri Lopez Coelho | Camila Ortiz Correa | Delfines Calduro Chemale | Ivanor de Jesus Carneiro | Jose Daniel Arduim | Jose Umberto Birmanm | Tânia Andrade | Venina Maria Carneiro

Direção: Juan Zapata

Disponível no Looke ([link](#))

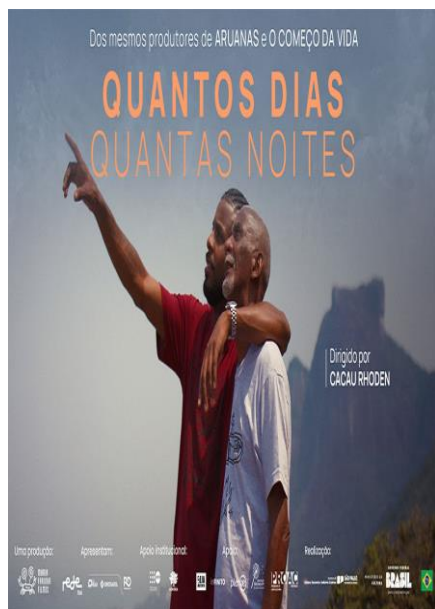


Septuagenários, o casal de aposentados Ella (Helen Mirren) e John (recém falecido Donald Sutherland) decide fazer uma última viagem pelo país, de carro. Desafiando limites e receios os dois embarcam numa aventura transformadora que sai de Boston e tem como destino a antiga casa de Ernest Hemingway, em Key West na Flórida.

Direção: Paolo Virzì

Disponível na Netflix ([link](#))

9 Filmes e vídeos



Estudos dizem que o humano que vai viver 150 anos já nasceu.

Mas o que estamos de fato fazendo com essa oportunidade? “Quantos dias. Quantas noites”, novo documentário da Maria Farinha Filmes (“Aruanas”, “Começo da Vida”) dirigido por Cacau Rhoden (“Nunca Me Sonharam”, “Tarja Branca”), realiza um profundo mergulho nos propósitos da nossa existência no planeta. Especialistas e pensadores nos convidam a enxergar as oportunidades e as desigualdades nesse tema, além da nossa própria conexão com o tempo e com a idade.

Com a participação de Alexandre Kalache, Sueli Carneiro, Ana Claudia Arantes, Mona Rikumbi, Ana Michelle Soares, Mórris Litvak, Tom Almeida e Alexandre Silva, o filme traz à tona uma investigação essencial no nosso século: a revolução da longevidade já começou, e veio para transformar o futuro de todas as gerações.

Disponível no YouTube (completo) ([link](#))

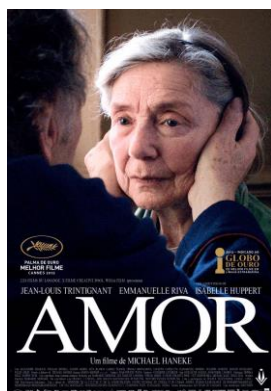


O documentário é um registro franco sobre o que pensam os idosos brasileiros a respeito de temas como vida, morte, sexo, trabalho, entre outros. Em um período onde a pandemia de Covid-19 colocou as pessoas da terceira idade no chamado “grupo de risco”, classificados como a parte mais vulnerável da sociedade diante do novo vírus, a produção também mostra o olhar dos idosos sobre valores de uma etapa da vida invisibilizada pela sociedade.

Direção: Libario Mateus Nogueira Do Carmo, Valmir Moratelli

Elenco: Romeu Evaristo, Tonico Pereira, Zezé Motta

Disponível no GloboplayGNT ([link](#))



Georges e Anne são octogenários. São professores de música, pessoas cultas, independentes. No entanto, quando Anne sofre um pequeno derrame, os dois terão de lidar com as mudanças trazidas pela doença dela e o amor que une o casal será posto à prova.

Direção: Michael Haneke

Elenco: Jean-Louis Trintignant, Emmanuelle Béart, Isabelle Huppert

Disponível no Prime Vídeo ([link](#))

Caras e Coroas,

Ao abrir essa Arca e sentir o cheiro misto de naftalina, folhas secas e baratas, você vai viajar no universo de uma Mulher Velha.

Uma não!

Várias, ou Todas!

Como num grande jogo de caça-palavras, vai encontrando objetos

como agulhas, vassouras e correntinhas.

Vai encontrando cadelas, gatas e pombinhas;

Vai encontrando Frida, Mário e Cora;

Vai encontrando mulheres fofoqueiras, invejosas, mães e amigas;

Vai encontrando amor e dor;

Meta a mão na Arca e retire, 'na sorte', o seu poema.

Não se preocupe, pois a ordem é aleatória, mesmo!

Não há regras ou formas para encaixar palavras e sentimentos.

A Arca é como a vida: uma bagunça milimetricamente organizada pelo Grande Mistério!

A ordem cronológica dos fatos também não faz diferença.

O importante é terem sido vividos intensamente.

Depois de experimentar e se deleitar, recoloque-o de volta para que

“as outras” possam encontrá-lo e para que o jogo continue completo.

Se desejares contribuir com suas palavras, tem uma folha em branco

bem no fundo da Arca para você escrever sua própria história

e enviar para a Velha.

Te garanto que ela vai amar, afinal, já faz algum tempo que não

recebe uma carta, pois isso é considerado coisa de Gente Velha!

Aproveite e mergulhe sem medo nessa Arca de Tesouros!



O e-book pode ser adquirido na Amazon

Regina Freitas Silveira

Alquimista, Facilitadora da Lei do Tempo Natural (Sincronário da Paz), Cronomancista, Terapeuta Integrativa, Escritora, Atriz, Palestrante, Empreendedora (Moda Feminina).
Formação Acadêmica: Pedagogia-UFRGS (Alfabetização de Adultos).

Autora dos livros: “Mingau dos Anjos” (2022); “28 Calcinhas no Varal” (2023) e “Coisas da Arca da Velha” (2024).

E-mail reginaalquimistadapalavra@gmail.com

Instagram: @regina.freitassilveira
@mulheres_ins_piradas
@dpasseio

Facebook: Regina Freitas

YouTube: Regina Alquimista da Palavra

Visite o site do MSI e siga
nossas redes sociais



Movimento Sociedade Sem Idadismo
Quebrando barreiras e construindo pontes



idadismo.net



[@idadismo](https://www.instagram.com/idadismo)



[@SociedadeSemIdadismo](https://www.facebook.com/SociedadeSemIdadismo)



[@MSI_SociedadeSemIdadismo](https://www.youtube.com/@MSI_SociedadeSemIdadismo)



[@arqsteinleitaoidadismo](https://www.pinterest.com/arqsteinleitaoidadismo)



Movimento Sociedade Sem Idadismo
Quebrando barreiras e construindo pontes

Na próxima edição

**Contatos intergeracionais:
como reaproximar as gerações?**

